

HARLEQUIN

Bianca®

2

ROMANCES

inesquecíveis

MARGARET WAY
Amigos de infância

MARION LENNOX
A mãe do herdeiro

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2021 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins
Ibérica, S.A.
N.º 65 - setembro 2021

© 2009 Margaret Way, Pty., Ltd.
Amigos de infância
Título original: Outback Heiress, Surprise Proposal
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2008 Marion Lennox
A mãe do herdeiro
Título original: Wanted: Royal Wife and Mother
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português
em 2009

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em
vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial. Esta
edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books
S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e
situações são produto da imaginação do autor ou são
utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com

peçoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Bianca e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1105-005-0

Sumário

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Amigos de infância](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Epílogo](#)

[A mãe do herdeiro](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Se gostou deste livro...](#)

_____ Bianca _____

AMIGOS DE INFÂNCIA

Margaret Way

WILSON

Prólogo

Tudo aconteceu de forma inesperada. Estava a celebrar-se uma reunião importante da empresa mineira Titan. A irritação do director da empresa e patriarca da família mais rica do país, *sir* Francis Forsyth, era cada vez maior. O seu filho e herdeiro expressara os seus receios.

O idoso franziu o sobrolho e dirigiu-se ao seu filho num tom de voz que suscitou sentimentos de pena nos outros membros do conselho. Aquele empenho em humilhar Charles não era mais do que um castigo. A crença geral era que Charles tinha de suportar o castigo do seu próprio pai, para quem era uma tremenda desilusão que raramente se incomodava em esconder.

Era isso que estava a acontecer nesse preciso momento.

- Charles, quando vais aceitar que és dispensável? - perguntou *sir* Francis, tirando os óculos. - Porque é isso que és. Não és o tipo de homem que encontra soluções para os problemas. Eu sou a tua fonte de ideias. Não me faças estas sugestões idiotas. Os lucros são a coisa mais importante para um homem de negócios. Isso e manter os accionistas contentes. No entanto, tu continuas... - calou-se bruscamente ao ser interrompido por uma voz suave, arrebatadoramente atraente. - O que se passa, Bryn? - perguntou *sir* Francis, dirigindo-se ao jovem que estava à sua direita com uma paciência exagerada.

Bryn Macallan era o neto brilhante do seu falecido sócio, *sir* Theodore Macallan, co-fundador da Titan. Todos os membros do conselho eram dessa opinião. *Sir* Francis também o admirava muito, contudo, também tinha medo

dele. Bryn Macallan, que criara uma boa reputação quando ainda era muito jovem, era um sucessor digno do seu avô. Para além disso, desde a sua chegada, começara a pôr um travão ao controlo arbitrário que *sir* Francis exercia sobre a empresa desde a morte de Theo uns anos antes. Bryn Macallan ia ser a cabeça da empresa e não havia nada que Francis Forsyth pudesse fazer a esse respeito.

Seria justiça poética?

- Eu gosto de algumas das sugestões de Charles - disse Bryn sem se deixar intimidar pela atitude do director da empresa. - Temos um dever para cumprir para com os nossos empregados. Temos o relatório de segurança do perito sobre Mount Garnet. Todos tivemos tempo de o ler - olhou para todos os presentes. - Eu gostava de expressar alguns dos meus receios e também quero fazer algumas sugestões a respeito de como vamos fazer as mudanças necessárias. Todos os olhares estão postos sobre nós. Temos uma grande responsabilidade e penso que todos somos conscientes disso.

Vários membros, os mais poderosos e influentes, assentiram.

Bryn Macallan, com apenas trinta anos, era muito respeitado por todos. A sua aparência, a sua maneira de falar e a sua inteligência formidável recordavam o seu falecido avô, muito querido por todos. Bryn Macallan encabeçava a nova geração de herdeiros e superava Charles em todos os sentidos.

Francis Forsyth era muito consciente disso.

- É claro, Bryn - disse com suavidade, sabendo que as recomendações de Bryn eram positivas, mas menos prejudiciais para a Titan.

Tinha de lhe prestar atenção.

- Todos estamos ansiosos por ouvir as tuas sugestões, mas não as tolices de Charles. A culpa não o deixa pensar com clareza.

Charles ficou petrificado.

- Porque me fazes isto, papá? - perguntou num tom de voz que soava a birra infantil. - Nunca me fizeste um comentário positivo.

Furioso, *sir* Francis olhou para ele.

- A última coisa de que precisas é de um comentário positivo - disse ao seu filho com raiva. - Não queres entender - parou e tentou respirar fundo, contudo, acabou por sofrer um ataque de tosse violento.

Bryn Macallan foi o primeiro a reagir.

- Chamem um médico! - gritou, levantando-se. Tinha a certeza de que era alguma coisa grave.

Antes que conseguisse aproximar-se de *sir* Francis, o idoso caiu. O seu rosto estava pálido.

A vida de um dos homens mais ricos e influentes do país acabara.

Bryn tentou reanimá-lo enquanto esperavam pela ambulância.

Os enfermeiros nem demoraram seis minutos, contudo, assim que chegaram, aperceberam-se de que o «Homem de Ferro» estava morto.

Perplexo e emocionado perante a violência do que acontecera, Charles permanecia sentado, imóvel e em silêncio. A verdade era que sempre pensara que o seu pai ia viver para sempre.

Bryn Macallan teve de assumir o controlo da situação. Embora partilhasse a emoção geral, não sentia uma grande tristeza. *Sir* Francis Forsyth sempre fora um homem implacável, inteligente, mas culpado de muitos pecados. Utilizando a longa amizade que o unia à família Macallan, fizera-lhes muito mal depois da morte do seu avô.

- Frank sempre foi um potencial criminoso - dissera-lhe a sua avó depois do funeral do seu avô. - Era Theo, um homem cuja honra igualava a imoralidade de Frank, que controlava a sua crueldade. Agora Frank tem as rédeas. Ouve-me com atenção, Bryn, querido. Os Macallan têm de ter cuidado.

A sua avó tivera razão. Desde aquele momento, a rivalidade e o ressentimento tinham minado todas as acções conjuntas dos Forsyth e dos Macallan. Contudo, as duas famílias estavam unidas pela empresa.

Os Forsyth tinham a sua visão das coisas. Bryn Macallan tinha a dele.

Frank Forsyth e Theo Macallan, geólogos e amigos da universidade, tinham criado a Titan no final dos anos sessenta. Com a ajuda de um rastejador de origem aborígine, Gulla Nolan, tinham descoberto um fabuloso depósito de minerais de ferro no remoto noroeste do estado da Austrália ocidental, uma região que representava um terço de todo o continente. Assim a Titan transformara-se numa empresa poderosa.

Numa questão de minutos, a morte do «Homem de Ferro» foi comunicada em todas as cadeias de televisão, na rádio e na Internet. Todos os amigos mais próximos foram informados imediatamente. A única pessoa que não estava presente em Perth, a capital do estado, era Francesca Forsyth, a filha do segundo filho de *sir* Frank, Lionel, que falecera juntamente com a sua mulher num acidente de avião a caminho de Alice Springs, deixando-a órfã com cinco anos.

O seu tio Charles e a sua esposa Elizabeth tinham-na criado como a sua própria filha, Carina, três anos mais velha do que a sua prima. Carina fora criada para se transformar na herdeira do império Titan e Francesca, que fugia de todo o protagonismo, sempre fora «a outra».

O que as pessoas não sabiam era que Carina Forsyth, por muito privilegiada que tivesse sido, sempre sentira uns ciúmes profundos da sua prima, embora se esforçasse em ocultá-lo. Ao longo dos anos, conseguira aperfeiçoar a técnica de esconder a sua verdadeira natureza a favor do papel de prima sábia. No entanto, Carina estava

empenhada em destruir qualquer vestígio de felicidade que a sua prima pudesse ter. Convencera-se a si mesma de que Francesca lhe roubara o amor da sua mãe. A triste verdade era que, embora Elizabeth Forsyth amasse a sua filha e se esforçasse muito por o demonstrar, a pequena Francesca, a «filha da luz», conquistara o coração da sua tia com a sua doçura.

Francesca, inteligente e intuitiva, sempre fora consciente da maldade da sua prima e, por isso, aprendera a não acordar a cólera desta desde muito pequena. Assim tentava sempre evitar ser o centro das atenções. Carina Forsyth era a herdeira Forsyth, contudo, não valorizava o facto de Francesca nunca ter tido nenhum problema com isso. A riqueza podia ser uma bênção ou uma maldição, dependendo do ponto de vista. Transformar-se em herdeira nunca estivera entre os objectivos de Francesca.

As jovens também eram diferentes de aparência. A sua beleza não era uma simples invenção dos meios de comunicação social. Carina era a mais exuberante, uma loira de olhos azuis, alta e com curvas, que possuía todo o aprumo da alta sociedade. Francesca, pelo contrário, tinha o cabelo preto e a pele bronzeada. Os seus olhos, que não eram cinzentos nem verdes, adquiriam a cor da roupa que vestia. Nos eventos públicos, as jovens sempre tinham desempenhado o papel que o seu avô esperara. Carina era segura da sua perfeição resplandecente, digna de uma «*showgirl*», conforme diziam alguns, e Francesca sempre irradiara um ar de refinamento que conquistava mais do que um simples toque de mistério. No entanto, embora Carina tirasse partido da sua aparência esplêndida, Francesca decidira acalmar a sua beleza por razões óbvias.

O grande problema era o facto de ambas as mulheres estarem apaixonadas pelo mesmo homem. Bryn Macallan. Carina não se incomodava em ocultar os seus sentimentos e tratava Bryn de forma possessiva. Assim, todos pensavam que existia uma grande intimidade entre eles e Francesca

sofria em silêncio há muito tempo. De facto, passava a vida a recompor o seu coração feito em pedacinhos. Bryn preferia Carina e não podia fazer mais nada senão aceitá-lo, embora isso envolvesse ocultar os seus verdadeiros sentimentos. Sabia o que aconteceria se mostrasse o que sentia. Só podia haver um resultado.

Carina conseguia sempre o que queria.

A herdeira Forsyth estava na mansão familiar, contudo, Francesca estava em Daramba, a representar a empresa no Channel Country de Queensland. Francesca, que sempre fora uma artista com talento, formada em Direito, interessava-se em promover a arte dos aborígenes e agia como comercial e conselheira para a venda das obras de arte. Apesar de só ter vinte e três anos, tinha um grande sucesso no seu trabalho.

Ao contrário da sua prima, Francesca sentia o peso de uma grande fortuna e queria dar alguma coisa em troca. A força que impulsionava o seu compromisso com a comunidade era o seu desejo de fazer coisas boas.

Alguém tinha de a informar da morte do seu avô e levá-la de volta a casa. Bryn Macallan ofereceu-se para o fazer. O neto de Theo Macallan era um piloto experiente e podia deslocar-se no jacto da empresa com toda a facilidade. Toda a gente concordou que ele era a pessoa ideal para lhe levar a notícia.

Frank Forsyth sempre sonhara com um casamento entre a sua neta Carina e o neto Macallan, contudo, o seu desejo nunca fora realizado. No entanto, todos os membros das duas famílias rivais eram conscientes de que Bryn e Francesca partilhavam uma ligação especial, capaz de resistir às tensões familiares.

Bryn Macallan era, portanto, o homem adequado para levar Francesca para casa.

Capítulo 1

Ao contemplar aquela paisagem de sonho, Bryn experimentou uma sensação de alegria que aliviou o peso da ambição e da responsabilidade familiar, embora fosse apenas durante um momento. Amava aquele lugar: Daramba. A sua família e ele tinham visitado aquela terra maravilhosa muitas vezes ao longo dos anos, quando o seu avô ainda era vivo. Depois, a sua mãe e a sua avó tinham deixado de ir. Para elas, o afecto que sentiam pelo lugar desaparecera com a morte de *sir* Theo, quando o megalómano *sir* Francis assumira o controlo. No entanto, apesar das ofensas sofridas pela família Macallan, o lugar continuava a parecer milagroso aos olhos de Bryn.

O nome era de origem aborígene e significava «nenúfar», o símbolo nativo da fertilidade. O nenúfar, uma das flores mais deliciosas da Natureza, era o totem ancestral da tribo Daramba. O enorme rancho ganadeiro, um dos maiores na terra dos reis ganadeiros, estava situado no deserto ribeirinho do Channel Country. Por isso a zona estava cheia de lagos com nenúfares. Nesse ano acabara a seca que assolara grande parte do interior de Queensland. Os lagos intermináveis de Daramba, assim como os pântanos secretos onde os pelicanos se escondiam, ofereciam um espectáculo maravilhoso. Mesmo assim, nada era tão impressionante como a paisagem. O vermelho intenso da terra fazia um contraste lindíssimo com o céu azul, sempre envolto num glorioso manto de flores selvagens cujo resplendor se perdia no horizonte.

Demasiado bela para os olhos humanos, a paisagem deixava-o sem fôlego. Era como se as portas do Céu se tivessem aberto para o homem. Aqueles que tinham o privilégio de ver como o deserto irreverente se transformava num espectáculo grandioso ainda se sobressaltavam ao contemplar o renascimento que percorria a terra como um rio de vida. Depois, quando as águas voltavam aos seus leitos, chegava o apogeu das flores selvagens... Era preciso ter um coração de pedra para não ficar maravilhado perante tanta beleza.

Lembranças da infância invadiram Bryn. Francesca sempre gostara muito da Primavera. Quilómetros intermináveis de flores, uma fragrância inconfundível... Aquele fora o seu mundo de fantasia, uma forma de fugir à morte trágica dos seus pais. Bryn recordava-a como uma menina pequena que corria com entusiasmo pelos campos de flores. A sua gargalhada inocente viajava com a brisa, enquanto fazia uma coroa de flores para pôr no cabelo. Carina costumava estragar tudo. Arrancava-lhe as flores do cabelo, dizendo que as margaridas podiam ter insectos. A realidade era que Carina tentava passar uma mensagem muito clara. Francesca tinha de viver na sombra.

Carina fizera com que nunca o esquecesse.

«Não sei como isto vai acabar!», dissera uma vez *lady* Macallan, a sua avó. «Carina tem muito ressentimento pela nossa pequena Francey. As coisas só podem piorar».

Assim fora, embora a maior parte das pessoas não se apercebessem. Carina era muito ardilosa, contudo, Francey defendia-a sempre. Assim era a sua natureza. Porém, não era nenhuma parva. Bryn tinha a certeza de que, no fundo, sabia que a sua prima era tão má e manipuladora como o velho *sir* Francis.

Bryn tinha consciência da obsessão de Carina por ele. Os seus olhos denunciavam-na cada vez que olhava para ela. Tinham tido um romance louco de juventude. Carina era uma mulher bonita, no entanto, Bryn acabara por descobrir

a sua verdadeira essência. Conseguiria viver com isso desde que não prejudicasse Francey, que se transformara na outra obsessão de Carina. Elizabeth gostara da pequena órfã desde o primeiro momento e então tinham começado os problemas. Bryn não tinha dúvida.

O novo jacto da empresa voava como um pássaro. Era diferente dos outros modelos que a Titan tivera. Bryn adorava voar. Considerava-o muito relaxante. Já começara a descida. O telhado do enorme hangar resplandecia, cegando-o momentaneamente. Quase conseguia sentir a fragrância dos arbustos silvestres. Não havia outro cheiro como aquele, seco, fresco, evocador...

Os meninos correram para ele assim que parou o todo-o-terreno. Era a hora do almoço. Bryn acariciou-lhes a cabeça e deu-lhes algumas guloseimas, brincando e rindo-se. Rosie Williams, a jovem professora, estava à porta com um sorriso nos lábios.

- Fico contente por o ver, senhor Macallan.

- Eu também fico contente, Rosie - disse, cumprimentando-a. Ele sempre insistia que o tratasse pelo seu primeiro nome, porém, ela nunca o fazia. - Espero que os rapazes não estejam a dar-te problemas - disse.

- Não. Está tudo bem. Estamos a fazer muitos progressos.

- Fico contente por ouvir isso.

Os meninos riram-se com timidez. A luz do sol banhava os seus doces rostos juvenis.

Uns minutos mais tarde, voltou a entrar no todo-o-terreno e despediu-se. Esperava encontrar Francesca em casa, contudo, isso era pouco provável. Certamente teria de ir procurá-la. O rancho permanecia alheio à triste notícia. Era melhor que descobrissem por ele. Comunicar-lhe pessoalmente era o melhor que podia fazer.

Em cinco minutos chegou à casa. Frank Forsyth comprara a propriedade no final dos anos setenta e destruíra a mansão colonial centenária. No seu lugar, construía um edifício enorme de estilo contemporâneo, de acordo com os seus gostos pessoais. Finalmente, retirara a velha fonte de pedra que enfeitava o pátio, lançando jorros de água sobre o caminho pavimentado. Bryn ainda recordava os três cavalos alados que seguravam as vasilhas.

O seu avô ficara muito surpreendido ao ver as mudanças. Bryn lembrava-se como se tivesse sido no dia anterior.

- Meu Deus! - exclamara o seu avô em voz alta.

Sir Francis saíra ao ouvi-los chegar.

- É muito do teu estilo - acrescentara o seu avô quando *sir Francis* lhe perguntara o que lhe parecia.

Embora não fosse mais do que um menino, Bryn sentira um ligeiro tom irónico na voz do seu avô.

- É fantástico, *sir Francis*! - acrescentara Bryn, que não quisera ofender o grande Francis Forsyth, sócio e amigo do seu avô.

De qualquer forma, a casa nova parecera-lhe extraordinária, como um centro de investigação moderno.

Bryn demorara alguns anos a entender. A mansão fora substituída por uma estrutura enorme feita de aço, cimento e vidro, quatro vezes maior do que a casa original. O único traço de tradição eram as varandas amplas que rodeavam o edifício. Não fazia sentido chamar-lhe casa ou lar. Era apenas um edifício. Outro monumento a *sir Francis*. Um decorador de exteriores teria ajudado a suavizar a austeridade da fachada, contudo, as imediações do imóvel estavam escrupulosamente limpas. Um lar *New Age* no interior do país...

Jili Dawson, a governanta, recebeu-o com um sorriso e uma palmadinha no braço.

- Há quanto tempo!

- Estive ocupado, Jili - sorriu.

Os olhos de Jili, muito escuros, reflectiam as suas raízes aborígenes, da parte da mãe. O seu pai fora um homem de negócios branco, contudo, Jili identificava-se muito mais com a família da sua mãe. A sua tez era morena e a sua voz suave evocava os cânticos dos nativos.

- Suponho que Francey não está em casa - disse, olhando para o hall.

- Tens razão! - Jili assinalou para o horizonte. - Está com o grupo, a pintar perto de Wungulla. Francey conhece bem o caminho. Além disso, todos os nossos cuidam bem dela.

- Sempre foi assim, Jili. Não achas? - perguntou ele, recordando como Francey e ele tinham aprendido com os nativos na infância. Carina nunca se misturara com eles e sempre se mantivera à margem. - Escuta, Jili. Tenho notícias importantes. Não te dissemos nada ontem porque eu vinha ver Francey para lhe dizer pessoalmente.

- Morreu - disse Jili com toda a calma.

- Quem te disse? - Bryn franziu o sobrolho. - Falaste com alguém dos outros ranchos?

As notícias espalhavam-se rapidamente, mesmo no interior. Para além disso, Jili tinha o poder da clarividência, muito frequente entre as tribos nativas. Ela era capaz de ver o futuro.

- Só sabia o que ias dizer antes de falares. Era um homem difícil. Bom e mau. Cheio de fantasmas, fantasmas que ele mesmo criou. Ambos sabemos. Eu admirava o teu avô, tão sábio e refinado, e também o teu pai. Foi uma tragédia terem morrido daquela forma, mas agora estão com os seus antepassados. Observam-nos das estrelas que brilham à noite. Eu gosto muito da tua família. Foram muito bons comigo. Bryn, agora o peso da responsabilidade cairá sobre ti, agora que Humpty Dumpty passou desta para melhor. Mas quero saber uma coisa. Isto vai mudar as coisas para Jacob e para mim? Vamos perder os nossos trabalhos?

O marido de Jili, também com raízes aborígenes, trabalhava no rancho há muitos anos. Ambos eram imprescindíveis em Daramba e Jacob seria um supervisor muito melhor do que o que tinham nesse momento. Roy Forster apoiava-se demasiado em Jacob e nas suas inúmeras habilidades.

- Tenho de decidir muitas coisas, Jili - disse com um suspiro. - Charles vai ser o sucessor. Não posso falar por ele. Ele nem sequer pode falar por si mesmo neste momento. Está muito emocionado.

Jili afastou a vista.

- Pensava que o seu pai ia viver para sempre - disse. - Parece que era tão humano como todos nós. Como reagiram os outros? - virou-se para Bryn e olhou para ele nos olhos.

- Alguns estão em estado de choque e outros estão de muito bom humor, por incrível que pareça.

- Bom, espera pela leitura do testamento. Vamos ver se tentou resolver as coisas.

Bryn ficou em silêncio. De qualquer forma, era demasiado tarde. O seu avô e o seu pai já não estavam.

Parou junto de Jili e ficaram em silêncio. Ambos sabiam que estavam perante um fim, o fim de uma era, sem dúvida.

Contudo, a luta continuava...

Jili observava-o com atenção. Bryn Macallan era como um príncipe, sério e bonito, um príncipe que reconhecia todos os seus subordinados, um príncipe que estava pronto para herdar o que lhe correspondia. Jili pôs-lhe uma mão no ombro com um gesto de profundo respeito.

- Prometo-te que tudo vai ficar resolvido, Bryn. Mas ouve o que te digo. O futuro proporciona-te um feitiço maligno. Tem cuidado com Francey. A sua prima está à espera do momento adequado para saltar sobre a sua presa como um falcão. Mau sangue corre pelas suas veias...

Bryn abrandou ao chegar a uma imensa pradaria coberta de erva alta. As plantas ondeavam no vento. Bryn lembrou-se da savana tropical do norte. Aquele era o efeito da chuva. O todo-o-terreno abriu caminho entre a vegetação.

À sua direita havia uma série de meandros abandonados. Papagaios de asas luminosas entravam e saíam do rio Vermelho. Austrália, a terra dos papagaios! Aquele era um espectáculo de cor. Quando tinha seis anos, Francey quase se afogara num daqueles lagos, no lago central, Koopali. Era o mais longo e profundo e tinha água mesmo em temporada de seca. Nesse ano, as chuvas da Primavera não se tinham feito esperar, portanto Koopali enchera. Carina ficara petrificada, incapaz de ajudar a sua prima. Era como se toda a força tivesse abandonado o seu pequeno corpo.

Fora um milagre que Bryn chegasse até elas tão rapidamente. A magia era a melhor explicação de todas. Mais tarde, Carina dissera-lhe, entre soluços, que se tinham afastado do grupo e que Francey, apesar das suas advertências, insistira em aproximar-se do lago. Um menino podia enredar-se facilmente nas raízes dos nenúfares e ser puxado para o fundo. Ambas as meninas sabiam nadar, porém, naquela época, Francey era muito vulnerável. Acabara de aprender a nadar e os seus pais tinham morrido apenas um ano antes.

Seria verdade que desobedecera às ordens da sua prima? Francey nunca fora uma menina problemática.

Quando se apercebera de que as meninas não estavam, o grupo dividira-se em dois, em pânico. Bryn nunca vira as pessoas a reagirem tão depressa. O perigo fazia parte da grandeza do interior. Com o coração apertado, ele andara sem parar na direcção do Koopali. Porque o fizera? Porque uma idosa aborígine assim lho assinalara. Não hesitara em seguir o seu conselho misterioso. Como soubera? Era quase cega.

- Koopali - dissera-lhe, gesticulando.

Bryn continuava sem saber porque confiara tanto nela. No entanto, fosse como fosse, chegara a tempo de salvar Francey. Então Carina começara a gritar...

Salvara a vida a Francey e os aborígenes acreditavam que, quando se salvava a vida de alguém, parte da sua alma lhe pertencia. Depois Carina mostrara-se tão emocionada que ninguém lhe chamara a atenção por não cuidar bem da sua prima. Afinal de contas, só tinha nove anos. Contudo, ela sabia nadar muito bem. Dissera que o medo a paralisara e que a impedira de entrar na água.

Bryn tivera de o fazer.

- Graças a Deus, Bryn! Nunca o esquecerei. Nunca! - exclamara Elizabeth Forsyth entre soluços, segurando a menina nos seus braços como se fosse a sua única filha.

Carina ficara ao seu lado. Ele já acalmara Francey, que se agarrara a ele como um pequeno bichinho, cuspidando água e tentando ser valente. Então tinham chegado outros. Todos se tinham reunido à sua volta, mostrando um profundo respeito.

- Como sabias que estavam aqui, Bryn? - perguntara Elizabeth, surpreendida. - Todos pensávamos que tinham voltado para o acampamento.

- A idosa falou e eu ouvi-a - o seu comentário fora muito estranho, porém, ninguém se rira.

Os aborígenes tinham um sentido misterioso do perigo e da morte. As palavras da idosa até tinham criado um vento estranho atrás dele, um vento que não soprava em nenhuma outra parte da zona. Quando voltara para o acampamento, procurara-a para lhe agradecer, porém, não fora capaz de a encontrar. Nem sequer os nativos que atravessavam o território diariamente sabiam de quem se tratava.

«O vento a trouxe. O vento a levou».

- Pode ter sido um fantasma - dissera Eddie Emu, um dos ganadeiros. - Os fantasmas podem adoptar diversas formas!

A magia e a vida quotidiana estavam relacionadas no mundo dos nativos aborígenes. Eddie dizia que vira o espírito da sua falecida esposa em forma de mocho inúmeras vezes. Era por isso que os mochos descansavam de dia e acordavam de noite. Os mochos espreitavam enquanto os homens dormiam. Os mochos transmitiam mensagens, sinais...

De qualquer forma, fora um dia extraordinário. A pequena e trémula Francey sussurrara-lhe uma coisa ao ouvido, uma coisa que nunca esquecera.

«Carina entrou no rio e eu também».

O que acontecera na verdade? Fora um simples erro da menina? Bryn recusara-se a considerar outra possibilidade. Carina não fora consciente do perigo e depois contara pequenas mentiras para se livrar da culpa. Era um instinto natural.

Bryn encontrou-os onde Jili lhe dissera, junto do lago Wungulla, onde uma vez tinham habitado as tribos míticas de aborígenes australianos. Era pouco provável que os nativos da zona celebrassem um rito fúnebre em honra do falecido *sir* Francis. Ninguém gostava de Francis Forsyth, nem o respeitava. De qualquer forma, tinham medo dele. Os nativos da zona não tinham demorado para sentir nas suas intenções sinistras. Toda a gente lhe obedecia, contudo, ninguém confiava nele. Quem podia culpá-los? Ele mesmo perdera a confiança em *sir* Francis muitos anos antes.

Estacionou o todo-o-terreno e aproximou-se. Francey estava no meio de um grupo de mulheres que estavam a pintar. Pareciam completamente concentradas na tarefa, em harmonia com o seu lar.

Francey poderia ter-se afogado no lago Koopali com seis anos, porém, com vinte e três já era uma verdadeira guerreira da savana. Nadava como um peixe e andava com

absoluta confiança num meio hostil que podia roubar vidas. Também conseguia montar o cavalo mais rebelde do rancho e era capaz de andar com liberdade pelo deserto. Sabia disparar e caçar em caso de necessidade e era uma excelente atiradora. Ela sabia tudo a respeito da cozinha tradicional, sabia como fazer bom pão de sementes, e também sabia onde encontrar limas, figos, tomates e uma grande variedade de frutas silvestres. Francey era uma sobrevivente. Ficara amiga dos aborígenes quando era pequena e eles tinham-lhe ensinado muito, sem comprometer os segredos mais profundos da sua cultura. Tinham-na ensinado a ver a paisagem com os seus próprios olhos e assim Francey transformara-se numa pintora excelente com um estilo muito particular e uma visão muito pessoal.

Depois de acabar o curso de Direito entre os três melhores alunos da turma, Francey dedicara-se a familiarizar-se com o mundo dos negócios para poder administrar o seu dinheiro de uma forma mais eficaz, mas não descuidara o seu lado criativo. Na verdade, o seu trabalho capturava a fantasia da mitologia aborígene e dava-lhe um toque próprio. Bryn adorava os seus quadros e possuía muitos deles. A sua arte era uma mistura emotiva e curiosa de ambas as culturas. Já fizera uma exposição e todas as peças tinham sido vendidas rapidamente. Assim aliviara a dívida que tinha com os seus mentores aborígenes. A arte aborígene era extraordinariamente poderosa.

Francesca levantou-se assim que viu o carro e dirigiu-se para ele. Tinha a altura dos Forsyth e umas pernas esbeltas e elegantes. Protegia-se do sol com um chapéu feito de palhas entrelaçadas. Certamente, teria sido feito por uma das mulheres. O seu cabelo brilhante estava apanhado numa trança que lhe chegava até à parte inferior das costas. Uma madeixa delicada caía sobre a sua cara como uma fita de cor.

- Bryn!

A sua voz era como o doce som de um instrumento musical.

- Olá, Francey!

Ao vê-la, Bryn sentiu uma pontada de dor no seu interior. Ele sabia o que isso significava. Claro que sabia. Os seus olhares encontraram-se. Ambos sabiam, por muito que ela tentasse ocultá-lo.

Ela levantou o olhar e deu-lhe um beijo na face. Bryn sentiu o toque dos seus lábios sobre a pele como se fosse a primeira vez. Ela corou. Ambos pareciam presos nas regras que lhes tinham sido impostas na infância. No entanto, isso tinha de mudar.

- Deve ser alguma coisa séria para que tenhas vindo até aqui - disse, levantando as mãos com um gesto defensivo. - É o meu avô, não é? - virou a cabeça bruscamente.

As mulheres continuavam sentadas em círculo, contudo, tinham deixado de pintar. Tinham as mãos levantadas para o céu.

«Finalmente chegámos ao final...»

Bryn reconheceu aquele gesto cerimonioso. Aquela gente era extraordinária.

- Sim, Francey. O teu avô morreu de um enfarte ontem à tarde. Vim assim que pude. Lamento. Sei que deves ter muitas perguntas.

- Assim que te vi, sabia o que vinhas dizer-me.

- Lamento muito, Francey. Estás tão perto desta gente que já comesças a ter os seus poderes. Como sabem? Não estou a imaginar. Elas sabem mesmo.

- É estranho, não é? - olhou para as mulheres por cima do ombro. As mulheres tinham voltado a pintar. - Mas são a cultura mais antiga que existe. Vivem aqui há mais de quarenta mil anos. Conseguem cheirar a morte.

Ele assentiu. Vira-o muitas vezes. Os seus olhos permaneciam fixos nela. O seu lindo rosto feminino empalidecera ao ouvir a notícia, porém, tentava reprimir as

lágrimas. Não tinha maquilhagem, excepto uma fina camada de batom. A sua pele não tinha mácula alguma, tão suave como a de um bebé. Os seus olhos amendoados brilhavam.

- Não quis ver-me? - perguntou de repente num tom triste e arrependido.

Como sempre, Bryn sentiu vontade de a proteger.

- Não teve tempo de decidir, Francey. Aconteceu durante uma reunião do conselho, não em casa. Nenhum de nós sabia que não se sentia bem. Um momento antes estava a gritar com Charles. Estavam a discutir, mas não era nada fora do normal. Tu sabes como odeia... Como odiava ter de ouvir qualquer ponto de vista que não fosse o seu... E então aconteceu. Foi tudo muito rápido. Não me parece que tenha sentido muita dor. Não entrámos em contacto contigo porque queria dizer-te pessoalmente. Tenho de te levar para lar. Vão fazer um funeral de Estado.

- É claro! Não poderia ser de outra forma - disse ela, suspirando. - O que o dinheiro e a política fazem! Mas lar... - os seus olhos encheram-se de lágrimas e brilharam como duas pedras lindas. - Essa palavra deveria significar muito, mas para mim não significa nada. Eu não tenho um lar. Nunca tive um lar desde a morte dos meus pais - olhou para ele com desespero. - Passei toda a minha infância a tentar superar a dor. Tive de recordar o que o meu pai me tinha dito uma vez, quando uma vespa me picou. «Sê valente, Francey, querida. Sê valente».

- Tu és valente, Francey - disse Bryn, sabendo que ela tivera uma vida muito difícil apesar de toda a riqueza dos Forsyth.

Os seus lindos olhos resplandeceram.

- Bom, estou a tentar. As piores coisas costumam acontecer na infância. Infelizmente, eu não deixei a minha para trás. Carina costumava dizer-me que devia estar agradecida.

- Bom, isso é muito próprio dela - disse Bryn, incapaz de ocultar a sua irritação.

Francesca ficou um pouco surpreendida. Bryn nunca criticara Carina.

- Não me parece que ela estivesse a tentar incomodar-me, Bryn - disse Francey, sempre leal à sua prima. - Só queria que me animasse um pouco. Mas, falemos de outra coisa - fez um gesto com a mão. - Não costumo sentir pena de mim mesma. Mas a morte do avô... Não esperava isso. Sempre viveu como se pensasse que nunca morreria. Bom, chegou aos noventa anos. Fico muito contente por teres vindo, Bryn.

Ele abanou a cabeça. Os raios do sol realçavam brilhos de bronze sobre o seu cabelo.

- Não tens de me agradecer, Francey. Eu queria vir.

Ela deixou escapar uma gargalhada que se transformou num soluço.

- A tua família e tu estiveram muito mais perto de mim do que a minha própria família. Não é incrível? Fico muito contente por estares aqui.

Bryn sentiu a sinceridade das suas palavras. Os seus pais sempre tinham tentado proteger Francesca, tentando não mostrar o seu ressentimento contra os Forsyth.

Não podia perder a oportunidade que se abria perante os seus olhos.

- Nunca falámos sobre isto, Francey, e suponho que não queres que te diga isto num momento como este, mas Carina não é a pessoa que tu pensas.

Ela não pareceu surpreender-se com o seu comentário. Pelo contrário, pareceu triste.

- Porquê, Bryn? - perguntou. - Nunca lhe fiz nada... Nunca faria nada que pudesse fazer-lhe mal. Fiz todos os possíveis para permanecer num segundo plano. Não quero competir. Ela é a herdeira Forsyth. Eu não e também não quero sê-lo. Só quero viver a minha vida. Quando temos de

ir a eventos juntas, tento não chamar a atenção. Visto-me sempre de forma discreta.

- Devias deixar de o fazer - disse ele com franqueza.

Francey ficou surpreendida.

- Achas que sim? - perguntou.

- Sim - disse ele. - Toda a gente consegue ver como és bonita, Francey, mesmo que vistas uma camisa e uns calções. Não devias tentar esconder a tua beleza e arruinar o teu próprio estilo, que é tão original. Ela corou ao ouvir a palavra «bonita». Talvez tivesse sido melhor que não a tivesse dito.

- Parecia-me que era melhor assim - confessou ela com desânimo.

- Sim, eu sei - olhou para o seu rosto com atenção.

Ela tinha a cabeça baixa.

- Tinhas as tuas razões, mas não acho que sirva de nada nesta altura.

Bryn decidiu dar mais um passo. A advertência de Jili ainda ecoava na sua mente.

- Carina acha que lhe roubaste o amor da sua mãe. Acho que essa é a origem do problema.

Ela levantou o olhar de repente.

- Mas eu não mereço isso. Era apenas uma menina. Tinha cinco anos. Nunca quis que os meus pais morressem e sofri as consequências. Essa foi a grande tragédia da minha vida. Perder o meu avô aqui e agora, por muito doloroso e repentino que tenha sido, não se pode comparar àquela perda. O pior que te pode acontecer, só acontece uma vez. Sei que não soa muito bem, mas não posso ser hipócrita. O meu avô nunca me amou e também não quis o meu afecto. Só me tratava como uma neta diante das câmaras. Não era mais do que teatro. Não sou loira nem tenho os olhos azuis, como os Forsyth. Sou a filha da minha mãe e perdi-a. E Carina tem rancor de mim?

- Receio que sim. O ressentimento de Carina não é culpa tua, Francey, portanto não te preocupes tanto. É a sua

maneira de ser. Herdou o lado escuro dos Forsyth.

- Imagino que isso deva fazer com que sofra muito - disse Francey, que ainda era capaz de sentir pena da sua prima.

- Não me parece que ela veja as coisas dessa forma. As pessoas têm de ser capazes de analisar o seu próprio comportamento, mas não acredito que Carina seja capaz de fazer isso. Fico contente por termos falado sobre isto abertamente, porque ambos sabemos que as coisas vão ficar mais difíceis. É melhor estarmos preparados.

- Deve estar muito triste - disse Francey, olhando para ele nos olhos. - Carina adorava o meu avô.

- Vai ficar bem na medida do possível.

- Carina é muito forte. Para além disso, tem-te a ti. Ela ama-te - acrescentou com suavidade, como se estivesse a dar-lhe a razão mais poderosa para ser forte e seguir em frente.

Porque pensavam as pessoas que Carina era a estrela que iluminava a sua vida? Francesca também era dessa opinião.

- Ela pensa que me ama - respondeu com secura, sabendo que Carina só desejava aquilo que não podia ter.

- Não é tão simples como isso, Bryn. Estão muito unidos. Ela disse-me que estavam juntos - disse em voz baixa. Os seus olhos brilhantes olhavam para ele fixamente.

- Está bem - ele encolheu os ombros. - Mas foi há muitos anos.

- Ela diz que não.

Não era muito próprio de Bryn mentir.

- E, é claro, tu acreditaste nela - disse ele, incapaz de ocultar a raiva que sentia.

- Estás a dizer-me que não é verdade? - perguntou. Por um instante, tirou a máscara que ocultava os seus verdadeiros sentimentos.

Bryn esboçou um sorriso radiante. Em repouso, o seu rosto conseguia parecer sério e circunspecto, às vezes, tão severo e implacável como o de Francis Forsyth.

- Francey, sou um homem livre. Prefiro estar assim.